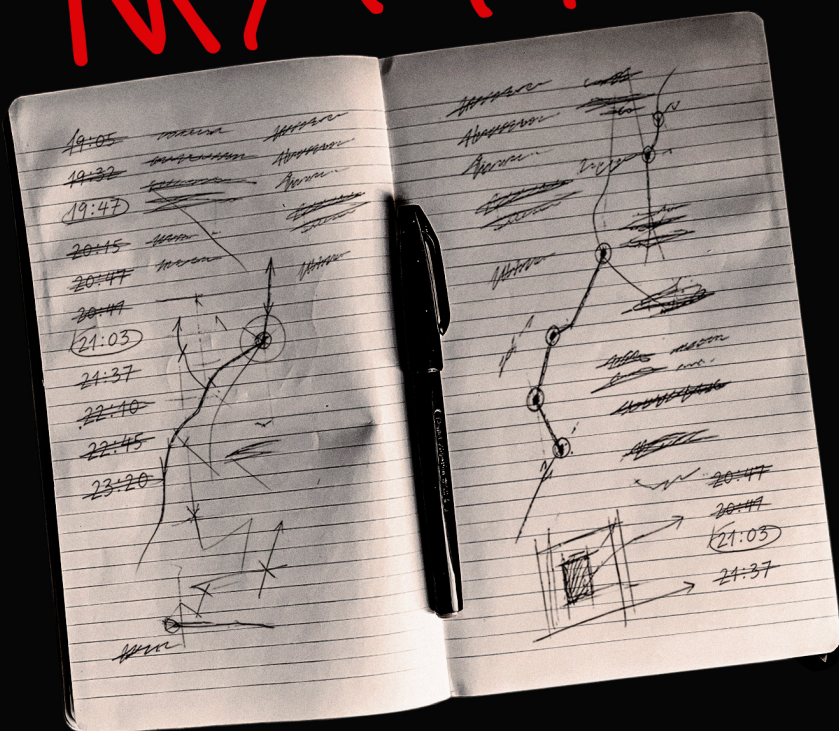


QUANDO EU TE MATAR



TODO MUNDO TEM UM SEGREDO.
O DELA PODE CUSTAR A PRÓPRIA VIDA.

B . A . P A R I S

QUANDO
EU TE
MATAR

B . A . P A R I S

TRADUÇÃO
LUCIANA DIAS

QUANDO
EU TE
MATAR

TUDO MUNDO TEM UM SEGREDO.
O DELA PODE CUSTAR A PRÓPRIA VIDA.

Para Chloé
Obrigada por revisar meus romances antes
de qualquer pessoa colocar os olhos neles. Sou
eternamente grata pelo seu empenho em apagar
meus (muitos!) espaços duplos e vírgulas fora
do lugar, e por corrigir todos os meus erros
de digitação.

É a lâmpada se apagando na sala que me indica que a eletricidade foi cortada. Fico de pé em um salto, deixando minha caneca vazia cair no chão. Um medo avassalador aperta o meu peito. Está cedo demais, eu não estou pronta.

“Se a pessoa vier atrás de você, vai ser no meio da noite”, Alex havia me dito antes.

Mas não está no meio da noite, são nove e pouco.

“E se ela vier mais cedo, quando eu ainda estiver lá embaixo?”, eu tinha perguntado.

“Concentre-se em ir para o seu quarto, onde você pode se trancar”, Alex havia dito. “Não deixe o medo confundir seu raciocínio.”

Recordando as palavras dele, inspiro profundamente para me acalmar, depois vou tateando até a porta. O hall está na escuridão completa. Estou prestes a correr para a escada quando uma sombra escura se desprende da parede. Grito em choque; a pessoa já está aqui dentro.

“E se eu não conseguir chegar ao meu quarto?”, eu tinha perguntado. “E se a pessoa já tiver entrado?”

“Grite”, Alex havia respondido. “Use sua voz. Respire fundo e grite o mais alto e por mais tempo que conseguir. Você vai ter alguns segundos antes de o medo te paralisar. Use bem esses segundos.”

Abro a boca para gritar, mas o medo já tinha envolvido meus pulmões com seus punhos de aço, tirando o meu ar. Meus olhos distinguem uma silhueta ameaçadora avançando pelo hall na minha direção. Recuo aos tropeços o mais rápido que consigo e sinto a porta da cozinha atrás de mim.

“Se você não conseguir subir, não se deixe ser encurralada na cozinha”, Alex havia dito.

“Mas e se não houver nenhum outro lugar para ir?”, eu tinha perguntado.

“Aí tente arrumar uma arma. Você tem facas na bancada.”

Tento agarrar a maçaneta e, quando a porta se abre, cambaleio para trás em direção à cozinha. A figura me segue e fecha a porta com um chute. O cômodo está no breu total, me confundindo por um momento, porque devia haver pelo menos alguma luz vindo da claraboia. Eu me recupero rapidamente e dou um passo para a direita, visualizando o conjunto de facas perto do fogão. Mas como se pudesse ler a minha mente, a figura embarreira o meu caminho, me forçando a me mover para a esquerda, meus pés tropeçando um por cima do outro conforme eu recuo em volta da ilha da cozinha, até chegar ao final dela e não poder mais avançar.

“O que quer que você faça”, Alex havia me dito, “não se deixe ser encurralada atrás da ilha, porque se você deixar, você não vai ter como sair. Você não pode deixar isso acontecer. Está me ouvindo, Nell? Você não pode deixar isso acontecer.”

E, no entanto, aqui estou eu. Minhas pernas tremem com a consequência inevitável. Enquanto meus olhos se ajustam à escuridão completa, a silhueta ameaçadora assume a forma de uma figura coberta de preto. Há um movimento, seguido por uma lufada de ar. Minha garganta se contrai; ela tem uma faca.

— Pare! — Minha voz ecoa e, para minha surpresa, o ar fica imóvel. — Antes que você me mate — digo, mantendo a voz firme —, preciso saber quem é você.

PARTE UM

NELL

Presente

As coxas dele pressionam as minhas, nós dois sentados no ônibus. Acho que não é intencional — os assentos são pequenos e ele é um homem grande — mas, ainda assim, aquilo me deixa desconfortável. Eu gostaria de mexer a perna, cruzar uma sobre a outra e virar o corpo para ficar de costas para ele, de frente para a janela. Mas não quero ofender.

O ônibus dá um solavanco quando vira na curva e, jogada contra mim, a pressão da coxa do homem aumenta. Minha garganta se fecha e, assolada pela claustrofobia sufocante, eu me levanto de repente, precisando me afastar dele. Espero ele se levantar e se mover pelo corredor, ou pelo menos mudar as pernas de lugar para me deixar passar e, quando ele não faz isso, minha única opção é escalar por cima dele. Meu casaco azul-marinho roça no rosto dele e, quente de vergonha, murmuro um pedido de desculpas. Quero ver o rosto dele, mas, do lugar de onde estou, agarrando a barra de metal, só consigo ver o topo da sua cabeça raspada e a tatuagem na nuca.

Eu estava com o rosto virado para a janela quando ele se sentou perto de mim, mas, quando me encaminho para a saída, percebo que o ônibus não está completamente cheio. Devia haver outros lugares vazios, assentos duplos, quando ele entrou dois pontos antes, então por que ele havia escolhido se sentar do meu lado? O ônibus para e eu me movo em direção à porta. Não é meu ponto, mas prefiro ir caminhando o restante do percurso para o trabalho a ficar sentada com dúvidas enchendo a minha cabeça.

Desço apressada e recuo quando o ônibus retoma seu caminho, as rodas respingando as poças do dia anterior, querendo ter certeza de que

o homem não me seguiu. Ele está sentado na janela, no assento que desocupeei, a cabeça virada para o outro lado, na direção do interior do ônibus. É de propósito, para eu não ver o rosto dele? Tento adivinhar sua idade pelo pouco que posso ver dele e acho que ele deve ter quarenta e poucos anos. Um tanto da tensão escoa de mim. Ele não tem a idade certa.

Pego minha garrafa na bolsa e dou goles lentos na água enquanto caminho até o escritório. Essa sensação de estar sendo seguida começou algumas semanas atrás, do nada. Não houve nada que a incitasse, nenhum passo atrás de mim, nenhum homem estranho espreitando pelas portas, apenas uma sensação de olhos me observando. Às vezes, quando a sensação se intensifica, viro de costas, esperando encontrar alguém abaixando a cabeça, ou virando rápido na rua. Nunca há ninguém lá, só gente comum seguindo suas vidas cotidianas.

Minha mente, enquanto ando em direção a Brixton, está assoberbada com o dia que tenho pela frente. Sextas-feiras são sempre agitadas na Drop In, a instituição de caridade onde trabalho e, fora um horário no cabeleireiro na hora do almoço, planejo manter minha cabeça abaixada até eu sair para encontrar o Alex, meu namorado? Rolo? — nunca tenho certeza de como rotulá-lo, até para mim mesma. Está cedo demais para chamá-lo de meu companheiro. Eu só o conheço há poucos meses e, durante a metade desse tempo, ele esteve nos Estados Unidos. Na nossa idade, trinta e seis no meu caso, quarenta e quatro no dele, “namorado” parece casual demais. Ele é definitivamente um rolo, mas isso reduz nosso relacionamento a sexo e, apesar de isso representar uma grande parte da relação, já que só nos vemos a cada duas semanas, é muito mais do que isso. Em poucas palavras, ele é tudo para mim.

O céu está com uma paleta de cores cinza enquanto atravesso a rua no sinal verde de pedestres, inspirando o ar frio da manhã. Ouço um silvo repentino vindo de algum lugar atrás de mim e uma bicicleta passa em disparada vindo do nada, quase me acertando. Um grito assustado escapa de mim e cubro rapidamente as últimas poucas passadas até a calçada, onde fico parada por um momento, meu coração martelando no peito, meus olhos seguindo o ciclista até ele desaparecer de vista. O barulho dos pneus passando a centímetros de mim ainda ressoam alto nos meus ouvidos, mas abafo a ansiedade fervilhando por dentro. Não posso — não vou — começar a achar que cada incidente desse tipo é suspeito.

Normalmente, eu não chego ao trabalho às sete da manhã, mas Alex teve um jantar tarde na noite passada e foi dormir no seu hotel. Eu me senti desconfortável a noite toda na casa silenciosa demais, e dormi mal sem ele do meu lado. Já estou com medo da segunda-feira, quando ele vai voltar para os Estados Unidos, para suas habituais duas semanas lá.

Apesar do homem no ônibus e do homem na bicicleta, meu humor melhora com a perspectiva de encontrar Alex esta noite. Se alguém tivesse me dito, há apenas alguns meses, que pela primeira vez em doze anos eu logo estaria em um relacionamento sério, eu não teria acreditado. Mas a prova está aí; desde que conheci Alex, comecei, timidamente, a fazer planos para um futuro que nunca achei que teria. *Um futuro que você não merece ter*, uma voz me lembra, e imediatamente meu humor piora de novo. Eu não deveria ficar surpresa. Sempre soube que minha vida pregressa — quando eu ainda era Elle Nugent, antes de me tornar Nell Masters — um dia me apanharia.

ELLE

Passado

— Ei!

Perturbada pelo grito vindo da rua, abaixei o meu livro e fui até a janela do apartamento de primeiro andar, feliz por ter alguma coisa para quebrar a monotonia de uma tarde sem meu namorado, Jaz, que foi encontrar um amigo. Olhando para fora, avistei uma mulher jovem parada na calçada do outro lado.

— Meu telefone! — gritou ela, apontando adiante na rua.

Estiquei a cabeça pela janela aberta para olhar melhor, e vi um homem em uma scooter desaparecendo na rua em alta velocidade. Eu estava prestes a chamar a mulher para dizer que eu ia descer, mas ela já estava correndo atrás da scooter, gritando para que ele parasse e voltasse. Aí, percebendo a inutilidade tanto das suas ações quanto das suas palavras, ela travou e irrompeu em lágrimas barulhentas.

A mulher era mais nova do que tinha achado a princípio, uma estudante, imaginei, pela maneira como estava vestida, de jeans, tênis e camiseta. Fiquei com pena dela; não era a primeira vez, nem a última, que alguém tinha o celular roubado por um cara em uma scooter.

Eu estava prestes a descer e fazer minha boa ação do dia, oferecer-lhe o meu telefone para ligar para alguém, quando um carro parou bruscamente ao lado da jovem.

— Eu vi tudo! — A janela do motorista estava aberta e vi um homem de cabelo escuro se inclinar na direção da porta do passageiro. — Rápido, entre aqui, vamos atrás dele! — Seu sotaque soou americano e dei um suspiro de alívio por ele ter assumido e eu poder voltar ao meu livro.

— Ótimo, obrigada! — A jovem limpou as lágrimas dos olhos e começou a entrar no carro.

De repente, me senti desconfortável. O carro tinha aparecido do nada. E se fosse uma armadilha, e o cara no carro fosse um cúmplice do ladrão na scooter?

Eu me inclinei mais ainda para fora da janela, meu corpo formigando em sinal de alerta.

— Ei! — gritei. — Espere!

Porém, a mulher já estava dentro do carro. Tive um arrepio de pressentimento.

— Ei, você! — gritei mais alto, me endereçando ao motorista. — O que você está fazendo?

Ao som da minha voz, ele girou a cabeça na minha direção. Eu só tive tempo de registrar o olhar de irritação no seu rosto antes de ele ligar o motor e sair em disparada pela rua.

— Nããão! — O ar escapou dos meus pulmões com força quando me impulsionei de volta pela janela, na pressa batendo a cabeça na moldura de madeira. Soltando um palavrão, peguei meu celular na mesa, saí correndo do apartamento e desci a escada para o térreo dois degraus de cada vez. Com um pouco de sorte, o carro ainda estaria preso no fim da rua, esperando uma deixa no trânsito antes de entrar na rua principal. Irrompendo pela porta da frente e para a calçada, olhei para a direita. O carro estava lá, com a seta para a esquerda, mas, quando corri na sua direção, ele avançou e desapareceu virando a esquina.

Parei abruptamente, a respiração ofegante, sem ter certeza do que eu esperava conseguir correndo atrás do carro. Mesmo que eu tivesse conseguido abrir a porta do passageiro e gritado com a mulher para sair, ela talvez não tivesse escutado. E se o homem arrancasse com o carro enquanto eu estava pendurada na porta, eu podia ter caído embaixo das rodas, ou sido arrastada para uma rua principal movimentada. Voltei devagar para o apartamento, pensando no que fazer. Talvez fosse totalmente inocente e o homem de fato fosse um cavaleiro de armadura brilhante. Mas e se fosse alguma coisa mais sinistra? E se eu tivesse acabado de testemunhar um sequestro?

Sabendo que provavelmente eu só estaria fazendo a polícia perder tempo, liguei para lá e, enquanto esperava alguém atender, repassei o

que tinha acontecido. Durante todo o incidente, alguma coisa ficou me incomodando, alguma coisa a ver com o homem dirigindo o carro. Levei um instante para perceber que eu já o tinha visto antes, apenas algumas horas antes, quando fui comprar um pote de mel no supermercado local. Ao sair do mercado, minha cabeça se abaixou por cima do meu telefone enquanto eu mandava uma mensagem para Jaz para dizer que a máquina de lavar estava com um vazamento, e bati de frente com um cara. O pote de mel deslizou das minhas mãos e se espatifou na calçada.

— Ah, meu Deus — o homem tinha dito, parando do meu lado enquanto eu olhava sem acreditar na bagunça grudenta. Ele estava segurando um copo de café e um pouco tinha vazado pela abertura da tampa com a nossa trombada. Ele levou a mão à cabeça e coçou o cabelo distraidamente. — Me desculpe.

— Não, foi tudo culpa minha. Eu não estava prestando atenção por onde eu estava indo. — Olhei na direção do mercado. — Melhor eu entrar lá e ver se eles têm alguma coisa para eu limpar isso.

— Posso ajudar?

Eu lhe dei um sorriso, olhando direito para ele pela primeira vez. Apesar de já não ser jovem, ele era incrivelmente bonito.

— Não, tudo bem. Obrigada — acrescentei, impressionada com a cor dos seus olhos, que combinava com a camisa azul que ele estava usando.

— Certo, bem, espero que seu dia melhore — ele disse, se afastando.

Eu tinha certeza de que era o mesmo homem que estava dirigindo o carro no qual a mulher entrou. Dúvidas sobre ligar para a polícia pipocaram na minha mente. O homem em quem eu tinha dado o encontro parecia gentil. E se a polícia parasse seu carro e o acusasse de sequestrar a mulher quando ele só estava tentando ajudar? E se ele e a mulher se conhecessem? Repassando o que aconteceu, a mulher tinha entrado no carro dele sem nenhuma hesitação. Mas antes que eu pudesse desligar, minha ligação foi atendida e, para meu alívio, minhas preocupações sobre o que eu tinha visto foram tratadas com interesse. O atendente tomou detalhes da mulher (altura média, magra, cabelo louro comprido, vestida com calça jeans azul-clara, uma camiseta branca e carregando um sacola preta) que havia entrado de forma tão imprudente no carro (grande, preto) de um estranho (homem branco, cabelo escuro bem penteado, camisa azul-clara, sotaque americano). Eu me repreendi por não

ter anotado a placa do carro, mas, conforme expliquei para o atendente, tudo aconteceu rápido demais.

— Acho que ele pode morar nas proximidades — acrescentei. — Eu vi esse cara na rua hoje mais cedo. Eu moro perto de Waterloo e ele estava andando ao longo da The Cut.

O atendente me agradeceu pela ligação e disse que seria averiguado. Tentei tirar aquilo da cabeça, mas achei difícil continuar lendo o livro porque meus pensamentos ficavam voltando para a mulher. Na hora em que Jaz chegou em casa, a necessidade de falar sobre o que eu tinha testemunhado era avassaladora. Mas ele estava empolgado com um novo aplicativo que ia desenvolver junto com o amigo com quem ele fora se encontrar e não estava tão interessado na história quanto eu esperava.

— Você fez tudo o que podia, amor — disse ele. — Pare de se estressar.

Então dei de ombros mentalmente e parei de me preocupar. No melhor dos cenários, a mulher tinha recuperado seu celular e estava segura e bem.

Só que na manhã seguinte, quando abri o aplicativo de notícias no meu telefone e vi a manchete principal, meu coração gelou, depois quase parou. O corpo de uma mulher jovem, ainda não identificada, havia sido encontrado em um carro queimado, não distante de Wimbledon Common.

NELL

Presente

Chego ao prédio onde fica a Drop In, a instituição de caridade para a qual eu trabalho. Pegando minhas chaves na bolsa, destranco a porta de segurança, checando se algum frequentador não está rondando por lá, esperando para poder entrar mesmo que as portas não abram oficialmente antes das nove horas. Aconteceu algumas vezes e sempre deixei que eles entrassem. Para meu alívio, não há ninguém esperando.

Na recepção, acendo a luz, tranco a porta atrás de mim e espero até que o silêncio se instale nos meus ombros como um cobertor quente. Esse é o meu território. É onde eu me sinto segura.

As instalações da instituição são simples. Há uma mesa de recepção e, atrás dela, a sala principal, onde estações de computadores foram arrumadas do lado esquerdo, uma área com cozinha à direita e duas salas menores, uma que usamos para oficinas e a outra para café e conversas. Tivemos duas oficinas esta semana, uma para voltar ao mundo do trabalho e a outra sobre reconhecer e lidar com o luto. Ambas ficaram superlotadas e o retorno foi excelente. Faço uma anotação mental para pedir a Sadie, minha assistente maravilhosa, mas ligeiramente desorganizada, para agendá-las de novo.

Meu escritório, o único que tem lá, fica à direita da recepção. É pequeno, mas tem uma porta a qual eu posso fechar e uma janela com vista para um pátio pavimentado bem pequeno nos fundos do edifício. Entro, acendo a luz e pressiono o botão para abrir a persiana de aço que protege a janela. O sol ainda não nasceu totalmente, mas largo minha bolsa na cadeira, volto à sala principal, subo a persiana da porta dos fundos e

saio. Eu adoro essa hora da manhã, quando a cidade ainda não acordou totalmente e os sons do seu despertar são apenas um murmúrio distante. Eu me sento por um tempo em um dos bancos de madeira, aconchegada no meu casaco, a cabeça inclinada para trás contra a parede, absorvendo a calma e sabendo que, uma vez que as portas se abram às nove horas, vai ficar uma loucura até elas se fecharem novamente às sete da noite.

Comecei a trabalhar na Drop In há quatro anos, como voluntária aos fins de semana, até me oferecerem uma vaga permanente fazendo o trabalho que Sadie faz agora. Quando meu chefe saiu para trabalhar em uma instituição de caridade maior, me ofereceram a vaga de diretora-geral. Minha função principal — garantir os recursos para manter a instituição ativa — não é uma coisa que achei que gostaria de fazer. Mas abordar empresas, locais e nacionais, grandes e pequenas, e fazê-las concordar em patrocinar ou fazer uma doação, se mostrou surpreendentemente satisfatório.

Verifico a hora no meu telefone e saio do pátio, querendo checar meus e-mails antes de Sadie chegar. A caminho da minha sala, ligo a chaleira e faço uma xícara de café instantâneo. Eu adoraria ter uma cafeteira adequada e, embora eu ficasse feliz de comprar uma para a instituição do meu próprio bolso, seria inapropriado ter um item de luxo no nosso humilde local de trabalho.

Na minha sala, começo a tarefa trabalhosa de passar pelos meus e-mails, uma parte da minha mente pensando em ver Alex hoje à noite. Fico tentada a ligar para ele, apenas para ouvir sua voz, e a vontade é tão grande que, quando o telefone do escritório toca, penso que a telepatia funcionou e que ele está me ligando — até eu me lembrar de que ele ligaria para o meu celular. Vou até a mesa da recepção, atendo a ligação, presumindo que um dos voluntários esteja doente e está avisando a Sadie para que ela possa arrumar alguém para cobrir. Ninguém responde ao meu “Alô?” interrogador nem ao segundo. Mas tenho certeza de que há alguém lá.

— Alô, posso ajudar? — pergunto gentilmente, porque algumas pessoas que ligam para a instituição precisam ser encorajadas a falar. Mas ninguém responde. Devo ter recebido cem chamadas assim nos últimos quatro anos, mas depois do homem no ônibus hoje de manhã, essa é a primeira que me deixa ansiosa. Desligo o telefone e volto ao santuário da minha sala. Ainda estou respondendo e-mails quando Sadie chega.

— Que horas você chegou? — exclama Sadie.

— Sete e pouco. Não consegui dormir, então achei que eu podia vir para cá cedo. Como você está? Tudo bem?

— Sim, menos a fila na padaria. — A energia emana de Sadie quando ela tira o casaco, desenrola o cachecol que está em volta da cabeça e tenta arrumar os cachos louros que se libertam repentinamente. — Não tive tempo de secar o cabelo antes de sair — explica. Ela joga a bolsa na mesa e eu rapidamente bato a mão em uma pilha de papéis para impedir que eles deslizem para o chão. — Mas eu tive tempo de comprar muffins! — Sadie acrescenta triunfantemente, enterrando a mão nas profundezas da sua bolsa.

— Ótimo! — digo, sorrindo. Eu adoro o entusiasmo da Sadie pela vida em geral, a maneira como ela eletrifica a atmosfera apenas por existir. — Obrigada.

Na verdade, eu não gosto de nenhum tipo de muffin, mas nunca contaria isso para Sadie. Ela comprou um para mim na primeira semana em que começou a trabalhar na Drop In e presumiu — pelo meu falso entusiasmo, porque eu não queria magoá-la ao recusá-lo — que eu adoro, e ela compra muffins toda sexta desde então. Às terças, quando é minha vez de levar guloseimas, eu compro croissants.

— Café? — pergunta Sadie.

— Deixe eu pegar um para você.

— Aliás, a Valerie não vem hoje de manhã. Um dos seus filhos está doente, então ela pediu para a Annie cobrir ela — fala Sadie, voltando à recepção e se instalando atrás da mesa. — Ela ligou para cá hoje de manhã e, como eu não atendi a ligação, ela me ligou no celular.

— Foi bom que ela já arrumou alguém para cobrir — digo, aliviada de ter uma explicação para a chamada misteriosa. — Espero que não seja nada sério.

Sadie balança a cabeça.

— Só um resfriado, mas o filho está com febre, então a creche não vai aceitar que ele fique lá.

Sadie e eu somos as únicas funcionárias pagas da equipe da Drop in. O restante da equipe é formada por voluntários que trabalham em regime de turnos. É importante para mim que meus colegas estejam felizes para virem trabalhar, então faço tudo o que posso para criar um bom ambiente de trabalho. Também me esforço para buscar o

delicado equilíbrio entre manter distância e ser acessível, tanto com meus colegas quanto com os frequentadores da instituição. O que meus colegas sabem sobre mim é que eu passei a maior parte da minha infância em orfanatos e lares adotivos e sou solteira. Apenas Sadie sabe sobre Alex.

A manhã passa rapidamente. Estou no meio de uma busca por outras oficinas que possam ser de interesse da instituição quando Sadie aparece, carregando um imenso buquê de flores amarelas.

— Entrega de flores — ela fala alegremente.

Fico muito intrigada com o luxo gritante do buquê.

— De quem são? — pergunto.

— Não sei, mas deve ter um cartão.

Pego as flores das mãos de Sadie e aproximo o nariz das pétalas acetinadas.

— Elas são realmente cheirosas — digo apreciando-as. Espio dentro do buquê. — Não consigo achar um cartão. Você consegue?

Sadie se inclina por cima da mesa, virando o buquê de um lado e do outro, procurando pelo cartão elusivo. Ela também não consegue achar, nem mesmo escondido bem no meio das flores.

Sadie abaixa a voz de uma forma dramática.

— Mas você sabe de quem são.

Balanço a cabeça.

— Alex não mandaria flores para cá, ele mandaria para casa.

Os olhos de Sadie brilham.

— Então você deve ter um admirador secreto.

Resisto ao estremecimento que ameaça percorrer minha espinha. Sadie desaparece para encontrar algum recipiente onde colocar as flores, e preciso lutar contra a vontade de jogá-las na lata de lixo. Vai parecer estranho se eu fizer isso, e pode não haver nada sinistro por trás delas. Mas e se houver?

— Eu realmente queria agradecer à pessoa que mandou — digo para Sadie, quando ela volta com um pequeno balde com água pela metade.

— Você se importa de ligar para a floricultura e ver se eles têm um nome?

Sadie aquiesce.

— Elas vieram da Le Jardin des Roses, lá embaixo na rua. Vou ligar para eles.

Enquanto espero Sadie fazer isso, levo o buquê para a sala principal e o coloco em uma das mesas.

— De um negócio local — digo aos rostos questionadores que se viraram na minha direção. O humor das pessoas em volta se revigora visivelmente; elas sorriem e exclamam como as rosas são lindas e, vendo o encanto delas, faço uma anotação mental para comprar plantas com flores para alegrarem a sala.

— A pessoa pagou em dinheiro e não deixou o nome — diz Sadie, vindo me encontrar alguns minutos depois.

Minha inquietação aumenta.

— Eles disseram como essa pessoa era?

Sadie franze a testa com a pergunta.

— Não... mas então, eu não perguntei. Você quer que eu pergunte?

Percebendo como isso deve ter soado estranho, dou um sorriso para Sadie.

— Não, tudo bem. Obrigada, Sadie. — E digo a mim mesma que ninguém em busca de vingança me mandaria um buquê de rosas tão extravagante.

EXTRAÍDO DO CADERNO 4

Senti pena de você no ônibus hoje de manhã, Nell. Acho que você pensou que o homem grande sentado do seu lado era eu. Mas eu estava bem lá atrás, longe da vista.

Já faz um tempo que estou te seguindo, mais tempo do que você imagina. Meses, não semanas. Eu me lembro do dia em que começou. Você saiu do prédio onde trabalha e eu estava lá, bem na sua frente. Eu podia me dar ao luxo de correr riscos naquela época. Agora eu espero nas sombras. Posso ter aprendido como me deixar invisível, mas prefiro ter cautela.

Naquele dia, o dia em que começou, eu te segui por todo o caminho até o ponto de ônibus. Quando você passou na entrada do metrô, você pegou uma cópia do jornal gratuito e, no ônibus, depois de ler as matérias principais, foi para as palavras-cruzadas, não a enigmática, mas a fácil. Não pensei mal de você por causa disso, é preciso ter um certo tipo de mentalidade para gostar de palavras-cruzadas enigmáticas. Não tem nada a ver com inteligência. Entretanto, quando você empacou em “tiros”, com cinco letras, tive vontade de me inclinar para a frente — eu estava logo atrás de você — e falar a resposta. Eu podia ter feito isso. Você aceitaria bem, eu sei, e você teria me agradecido pela ajuda. Também sei que, quando você me agradecesse, você mal teria me olhado, não por falta de educação, mas porque você evita olhar diretamente para as pessoas no caso de elas olharem diretamente para você também. Porque você tem segredos, Nell.

Na ocasião, você terminou as palavras-cruzadas em menos de dez minutos, depois virou a página anterior e completou a que havia lá no mesmo tempo. Gosto que você tente melhorar a sua mente, em vez de ficar sentada lá com fones de ouvido, a cabeça inclinada em cima do celular, como os outros fazem.

Não que isso mude alguma coisa. Não vamos fazer palavras-cruzadas quando eu te matar.

ELLE

Passado

Lágrimas empoçaram os meus olhos enquanto eu encarava o rosto bonito de Bryony Sanders, seus olhos azuis brilhando ao fitar a câmera. Ela foi identificada como a jovem encontrada morta no carro incendiado perto de Wimbledon Common.

— É ela — eu disse a Jaz, minha voz tremendo. — A mulher que eu vi entrando no carro no sábado passado.

Jaz se aproximou e espiou a tela do meu computador.

— Tem certeza? — perguntou ele.

— Absoluta.

— Sinto muito, meu amor. — Ele se sentou ao meu lado no sofá e me puxou para junto dele. — Ela parece tão jovem.

— Tinha dezenove anos. Preciso ligar para a polícia. — Estiquei a mão e rolei até o fim do boletim de notícias. — Achei um número aqui para onde as testemunhas podem ligar. Falei para o atendente que eu achava que o homem que pegou a moça era um morador da região. E se ela não passou essa informação para a polícia? — Estremeci. — Não consigo acreditar que ele possa ter matado a moça. Ele parecia tão gentil.

— Provavelmente foi por isso que ela confiou nele — disse Jaz. — Quer que eu faça um chá enquanto você liga para eles?

— Sim, por favor.

Minhas mãos tremiam quando liguei para o número e falei ao atendente sobre minha chamada anterior no sábado. Em uma hora, uma detetive da divisão de homicídios chegou ao meu apartamento para tomar meu depoimento detalhado.

— Pode começar uns cinco minutos antes de ouvir o grito na rua?
— a detetive Gail Moss perguntou. — Onde você estava, o que estava fazendo?

Fechei os olhos para me concentrar melhor.

— Eu estava aqui, nessa sala, lendo um livro.

— Havia mais alguém na casa?

— Não, meu namorado tinha saído.

— Continue.

— Estava um dia bem bonito, então a janela estava aberta. Ouvi alguém gritando e fui até a janela. Vi uma mulher jovem na calçada do outro lado.

— Que horas eram?

— Por volta das quatro da tarde.

— Você pode descrever a mulher que você viu?

Eu queria contar à detetive que eu já tinha dado essa informação aos colegas dela quando liguei para a linha de assuntos não emergenciais da polícia. Mas logo percebi o quanto eu tinha omitido e quanto mais eu podia me lembrar quando ela fez as perguntas certas. Achei que a única coisa que eu me lembrava sobre o carro era a cor preta, mas, quando ela perguntou quantas portas tinha, consegui dizer que tinha quatro, que havia uma moldura prateada em volta das janelas e que não tinha nenhuma característica em especial. Também me lembrei que a sacola preta que a mulher estava carregando tinha um logotipo roxo no canto de baixo do lado esquerdo.

— Obrigada, você ajudou muito — a detetive Moss disse, interrompendo o gravador. — Você pode ir até a delegacia e ajudar a criar um retrato falado do homem que você viu dirigindo o carro?

— Claro. Acho que ele pode ser um morador da área — falei, repetindo o que eu havia dito ao atendente. — Eu o vi mais cedo naquela mesma tarde, no The Cut. Eu estava saindo do mercado e dei um encontrão nele. Eu tinha comprado um pote de mel, que quebrou todo na calçada. Ele me ofereceu ajuda para limpar. — Fiz uma pausa. — Ele pareceu gentil.

— Qual supermercado foi?

Dei os detalhes e ela aquiesceu.

— Vamos averiguar.

Achei que eu tivesse uma ideia clara da aparência do homem, mas criar um retrato fidedigno de verdade foi mais difícil do que eu imaginava.

Apesar de o desenhista ser paciente, não consegui transmitir as feições do homem com tanta acuidade quanto eu esperava. Mas achei que, quando estivesse em domínio público, alguém o reconheceria.

No dia seguinte, a mãe de Bryony, uma viúva de Boston, fez um apelo emocional pedindo ajuda para capturar o assassino da filha. Eu mal consegui assistir, já que ela explicava que um ano antes, poucos meses antes de Bryony partir para a Inglaterra, seu marido — o pai de Bryony — morreu depois de uma longa doença e a filha hesitou em se mudar para Londres porque não queria deixar a mãe sozinha. A sra. Sanders não queria que Bryony desistisse do seu sonho de estudar na King's e a persuadiu a ir.

— Primeiro meu marido, agora minha filha — lamentou ela. — Eu não quero que mais ninguém sofra o que eu estou sofrendo. Se você reconhecer esse homem, por favor, por favor entre em contato com a polícia.

Eu já tinha olhado as redes sociais de Bryony. Sob outras circunstâncias, eu nunca olharia a conta do Facebook de alguém que morreu, mas eu tinha uma necessidade de saber o máximo que pudesse sobre a jovem cujo caminho tinha cruzado o meu de uma forma tão fugaz. Não havia nada extraordinário em Bryony; ela era apenas uma jovem comum de dezenove anos, aproveitando sua época de faculdade na Inglaterra, sentindo saudade dos amigos e da mãe em casa. Mas essa evidência de que ela mal tinha começado na vida de alguma maneira piorou tudo. Ela tinha tudo pelo que viver, e fora tirado dela da maneira mais terrível e violenta. Isso me afetou horivelmente; eu não conseguia parar de pensar em Bryony, sobre como, com sua mãe arrasada morando nos Estados Unidos, ela não tinha ninguém para lutar por ela em solo britânico.

NELL

Presente

Enquanto me arrumo no vestiário do escritório para jantar com Alex, penso no dia em que o conheci em uma festa para a qual eu quase não fui. Pelo que sei, festas são um mal necessário, e eu estava calculando que horas poderia ir embora sem ser mal-educada quando um homem apareceu ao meu lado segurando duas taças de champagne ainda borbulhando.

— Não consegui deixar de reparar que você não está bebendo nada — ele havia dito, me oferecendo uma das taças. — E também que, como eu, você não parece estar curtindo tanto quanto todo mundo aqui.

Fiquei nervosa com o sotaque americano. Em outras circunstâncias, eu teria dado uma desculpa para dar um sorriso e sair. Mas ele era incrivelmente lindo e eu estava terrivelmente entediada.

— Eu realmente não sou muito de festas — respondi com um sorriso. Eu não era arrogante o suficiente para interpretar o gesto dele como algo mais do que era de fato, uma pessoa se aproximando de outra para conversar e matar o tédio de estar em um lugar onde nenhuma das duas queria estar. Na verdade, eu o avistei assim que ele entrou no salão, principalmente porque ele era mais alto do que a maioria das outras pessoas, e o observei furtivamente desde então, atraída pelo seu comportamento tranquilo conforme ele se misturava com os outros convidados. — Você é dos Estados Unidos? — perguntei, torcendo para ele dizer que não.

— Em parte. Meu pai é americano, minha mãe é francesa e eu nasci e cresci em Paris. Quando eu tinha dez anos, meus pais se separaram e meu pai voltou para os Estados Unidos, enquanto eu fiquei em Paris com minha irmã e minha mãe.

— E onde você mora agora? Na França ou nos Estados Unidos?

— Eu tenho um apartamento em Washington, onde passo a maior parte do tempo.

Era provavelmente melhor assim, pensei. Seria mais fácil me afastar se ele morasse fora.

— O que você faz? — Eu sabia que estava fazendo perguntas demais, mas eu tinha uma necessidade inata de saber tudo sobre ele. — Desculpe, não quero te interrogar.

Ele sorriu.

— Tudo bem. Eu trabalho como consultor independente para empresas americanas que querem exportar para a Europa. — Ele fez uma pausa. — Me desculpe, eu não me apresentei. Alexandre. Alex. Stanton.

— Nell — eu disse. — Masters.

Ele ergueu a taça e me fitou com olhos que faziam uma combinação perfeita com as linhas grisalhas começando a se mostrar no seu cabelo escuro.

— Muito prazer em te conhecer, Nell Masters.

— Igualmente. — Esperei até nós dois tomarmos um gole de champagne. — Você está em Londres de férias?

— Não, desde o Brexit, eu passo uma semana por mês aqui, trabalhando como consultor para empresas inglesas que querem exportar para a França. Ficou muito mais complicado desde que vocês saíram da União Europeia. — Ele fez uma pausa. — E você, é jornalista?

Era uma pergunta compreensível. Afinal, era uma festa de imprensa.

— Não, eu só estou aqui por causa dos contatos. Eu trabalho em uma instituição de caridade em Brixton e estou tentando aumentar a visibilidade dela convencendo um dos jornais principais a escrever uma matéria sobre o trabalho que fazemos.

— E conseguiu? Arrumou a matéria?

Olhei na direção de Jane Stopes, do *The Guardian*, que estava conversando com um grupo de colegas jornalistas.

— Acho que sim.

— Bom trabalho. Eu só estou aqui porque a minha irmã, Béatrice, me convidou para vir com ela. — Ele se virou e indicou uma mulher lindamente elegante com o mesmo cabelo escuro de Alex, que fez um pequeno aceno para ele. — Ela trabalha para o canal de notícias francês BFM. E aquele é o marido dela, Victor.

Olhei para o homem de cabelo escuro com uma barba bem rente, parado a alguns metros de distância, conversando com um grupo de pessoas.

— Ele é jornalista? — perguntei.

— Não, ele trabalha para a embaixada da França aqui em Londres. Como eu, ele só está aqui por causa da minha irmã.

Eu nunca antes tinha desejado que um homem pedisse o número do meu telefone, mas comecei a desejar tanto isso que, quando chegou a hora de nos despedirmos, eu me vi pedindo o número de Alex.

— Minha função principal é conseguir patrocínio e doações para a instituição — expliquei. — Você estaria interessado em me encontrar em algum momento para eu te explicar o que fazemos? Talvez uma das empresas para a qual você dá consultoria esteja interessada em patrocinar — acrescentei, querendo dar um peso ao meu pedido pelo seu número.

— Claro. — Ele pegou um cartão de visitas e me entregou. — Vou aguardar o seu contato, Nell Masters — disse ele, e o tom formal das suas palavras me fez sorrir.

Eu me obriguei a esperar três dias antes de ligar para ele. Meu último breve relacionamento — por escolha, eu só havia tido relacionamentos breves — havia terminado um ano antes. Eu não tinha pensado que sentiria falta de sexo, mas tudo o que eu conseguia pensar durante aqueles três dias era em como seria ir para a cama com Alex.

— Achei que você nunca fosse me ligar. — O alívio na voz de Alex quando ele atendeu a minha ligação me deu um frio na barriga. — Vou voltar para os Estados Unidos no sábado e queria te ver antes de ir embora.

Combinamos de nos encontrar em um bar no Soho depois do trabalho no dia seguinte e, no fim da noite, eu sabia que ele era diferente de qualquer outro homem que eu já conhecera.

— Alguém importante que eu preciso saber? — ele perguntou suavemente, a certa altura.

Balancei a cabeça.

— Não. Alguns relacionamentos curtos, mas nada sério — eu disse, imaginando o que ele diria se eu admitisse como esses relacionamentos foram realmente curtos porque, assim que eles começavam a se desenvolver em alguma coisa significativa, eu ia embora, repetindo meu mantra interno: *Você não merece ser feliz, você arruinou vidas demais.* — E você?

— Eu fui casado, mas estou divorciado há seis anos. Tenho um filho, ele tem vinte anos. Infelizmente, não tenho mais contato com ele. — Meu coração se penalizou com a tristeza na voz dele, mas isso não foi suficiente para me impedir de demonstrar minha surpresa.

— Vinte? — exclamei. Eu não achei que ele tivesse mais de quarenta. — Você tem um filho de vinte anos?

Alex riu.

— Eu tinha vinte e quatro quando ele nasceu, minha mulher tinha vinte e seis. Ela foi meu primeiro amor de verdade e eu achei que ia durar para sempre. Infelizmente, não durou. A paternidade e a maternidade nos transformaram nos adultos que deveríamos ser, o que não era a mesma coisa que os jovens que fomos, e nos afastamos.

Eu queria perguntar por que ele não via o filho, mas era cedo demais e eu estava mais interessada em ouvir sobre as pessoas importantes para ele.

— E desde então? — perguntei.

Alex tomou um grande gole de vinho, como se estivesse se preparando psicologicamente para responder, e eu me preparei mentalmente para escutar alguma coisa que não ia gostar — que ele estava com alguém até recentemente e eles estavam resolvendo as coisas, ou que eles ainda se viam de tempos em tempos porque era complicado e ela, ele, eles, não conseguiam se libertar um do outro. Quando ele afinal me contou que, dois anos antes, sua namorada tinha morrido, a primeira emoção que senti foi alívio, de que eu não ia ter que competir com ninguém, rapidamente seguida por vergonha, de que eu pudesse encontrar consolo no fato de alguém ter morrido.

— Sinto muito. — Sendo humana, eu queria saber mais, se tinha sido uma doença ou um acidente que havia tirado a vida da namorada dele, mas a expressão abalada no seu rosto rapidamente silenciou minhas perguntas. Além disso, era somente nosso primeiro encontro de verdade e eu não sabia se ia haver um segundo. Mas houve, e um terceiro, e agora, depois de me negar a chance de amar e ser amada por tantos anos, tudo o que eu quero é um futuro com o homem que entrou inesperadamente na minha vida quatro meses atrás.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA LEITURA FAZ BEM

Ler inspira, renova, motiva, reduz o
estresse e melhora o humor. Espalhe
essa ideia!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
PELA GRÁFICA PLENA PRINT
EM OUTUBRO DE 2026